

O CHAMADO DE GAIA.

Romance.

Tiago Geraldo Macedo Pena.

SINOPSE:

A história se passa em uma ilha próxima à costa Catarinense, no ano de 2026. Este é um romance polifônico, cada personagem narra a história de seu ponto de vista. Inicialmente, quatro personagens, presos em um forte, começam a narrativa, em uma determinada parte da ilha. Esses personagens, durante o curso de suas narrativas, relembram fatos ocorridos na terceira grande Guerra, ocorrida no ano de 2017, bem como fatos concernentes as suas vidas.

Em outra parte da ilha, onde existe uma aldeia de pescadores, se desenrola a outra parte dessa história. Uma vila formada de pescadores que sobrevivendo longe da civilização e do governo único mundial. Em determinado momento, tanto os pescadores quanto os habitantes do forte se encontrarão e terão que tomar difíceis decisões para garantir a sobrevivência deles na ilha e continuarem longe de um mundo pós apocalíptico.

Sumário

GUSTAVO NARRANDO.....	6
JEOVÁ NARRANDO.	14
ANTÔNIO NARRANDO.	23
MARCOS NARRANDO.	32
PADRE LAIR NARRANDO.....	40
JEOVÁ NARRANDO.	49
ANANIAS NARRANDO.....	60
GUSTAVO NARRANDO.....	69
PADRE LAIR NARRANDO.....	78
ANTÔNIO NARRANDO.	82
ISMAEL NARRANDO.....	91
MARCOS NARRANDO.	100
ROBERTO NARRANDO.	109
GUSTAVO NARRANDO.....	120
MARTA NARRANDO.....	127
PADRE LAIR NARRANDO.....	139
MARCOS NARRANDO.	149

ANANIAS NARRANDO.....	161
MARTA NARRANDO.....	171
GUSTAVO NARRANDO.....	182
ANANIAS NARRANDO.....	194
MARTA NARRANDO.....	205
PADRE LAIR NARRANDO.....	223
GUSTAVO NARRANDO.....	233
ANANIAS NARRANDO.....	242
PADRE LAIR NARRANDO.....	251
GUSTAVO NARRANDO.....	260
CARLOS ALBERTO NARRANDO.....	270
ISMAEL NARRANDO.....	279
PADRE LAIR NARRANDO.....	287

GUSTAVO NARRANDO.

Há cinco meses que estou preso, que não sei o que é liberdade, o que é andar por aí. A minha cabeça dói muito, estou enlouquecendo, às vezes tenho vontade de bater com a cabeça contra a parede. Estou a ponto de cometer uma loucura neste lugar miserável, fétido, escuro e inóspito. Se não me falha a memória, amanhã, justamente amanhã, dia vinte e nove de novembro, é o aniversário dela, julgo que ela completará dezenove anos, e aqui estou sem poder abraçá-la sem sentir o calor do seu corpo e os seus lábios de mel. Faz tanto tempo que não vejo aqueles belos olhos azuis, aquela face lívida e altiva, aquele sorriso contagiante, há tanto tempo que não tenho notícias dela; tanto que a imagem dela aos poucos vai desaparecendo dos meus pensamentos como a neve em dias de sol forte.

Hoje não é um dia bom, afinal, não existem dias bons quando se está trancado em uma maldita ilha desabitada. Droga de lugar sem vida, sem seres humanos de verdade, o único ser que meus olhos notam aqui todos os dias, e muito raramente, é o do carcereiro. Um sujeito nojento cuja bunda já não cabe na cadeira onde ele se senta. Existe uma pequena mesa um pouco a frente da minha cela, de madeira rústica, com um pequeno jarro de água por cima e nada mais. De vez em quando o nojento do carcereiro sai para completar aquela jarra de água, e quando ele se ausenta demora exatamente cento e vinte segundos contados para voltar, há dias em que ele demora um pouco mais; com o tamanho daquela bunda não é para menos, em média, tirando um dia pelo outro ele leva exatos cento e vinte segundos, isso me faz deduzir que sua fonte de água deva ser bem próxima.

Os motivos que me trouxeram para esse inferno, aos meus critérios, não é motivo que justifique a prisão de uma pessoa por tanto tempo em uma maldita ilha desabitada. O que fiz foi por amor, sei que meus familiares não compreendem o que realizei e nem os meus próprios pais

entenderam os motivos que me levou a matá-lo, mas ele merecia morrer. Se fosse possível matá-lo outra vez eu o faria novamente e novamente quantas vezes fossem necessárias. Perguntaram-me se eu me arrependi pelo que fiz, é claro que não, e por isso aquele idiota do psiquiatra julgou que eu deveria ficar nessa droga de lugar. É outro palhaço que merecia o mesmo destino, não menos do que isso. Se depender de mim, vou pendurar a cabeça dele em um poste no meio da rua para que todos o vejam.

Eu não sei ao certo a localização de onde estou, imagino que esteja em algum lugar nas proximidades da costa de Santa Catarina. Lembro-me de poucas coisas de quando fui preso, essa falta de memória deva ser por causa dos medicamentos que sou submetido a tomar todos os dias. Aquele crápula do carcereiro me obriga a tomá-los. Esses comprimidos me deixam com náuseas, tenho recentes perdas de memória, alucinações, audição de vozes, principalmente durante a noite que é quando eu mais tenho ilusões; ou estou ficando maluco nesse lugar, ou, essa maldita ilha é cheia de fantasmas. Talvez sejam fantasias e delírios da minha mente, mas acho pouco provável. Também tenho apresentado muitas dificuldades

para dormir, passo horas e horas acordado durante a madrugada, e quando consigo amanhece, enquanto não durmo fico rascunhando em um velho diário.

Como eu estava dizendo anteriormente, esse lugar fica nas proximidades da costa catarinense em um ponto de grande movimentação de navios. Da janela da cela escuto o som dos navios, e pelo pouco que conheço são embarcações de pesca, não tão grandes, talvez de médio porte. Isso me faz pensar que essa ilha em algum ponto deva ter turismo ou grupos de pescaria, se eu ao menos conseguisse sair, se aquele nojento do carcereiro me deixasse em paz, nem que fosse por um dia apenas, eu teria noção da minha localização. Enquanto estou aqui, recluso nessas grades de ferro, em correntes grossas como se eu fosse um animal selvagem, digo que não sou um animal, animais são aqueles que me colocaram nesse maldito inferno.

A vida na prisão passa lentamente, as horas se arrastam nos ponteiros do relógio, agora são exatamente cinco e meia da tarde, de um dia qualquer sem importância. O sol está com tons alaranjados no horizonte,

percebo pelo pequeno cubículo na minha cela, cubículo com nome de janela, para mim não parece ser, é um simples pedaço quadrado recortado na rocha que serve apenas para me torturar dia e noite sem parar. A minha imaginação a muito já enlouqueceu de tanto que fico pensando nas coisas lá de fora. Pergunto-me se nessa ilha tem outras praias bonitas, talvez mulheres, a única que sei é que fui trancado nesse Alcatraz brasileiro. Sonho com o dia em que vou sair desse lugar, desejo muito fugir, me perco no desespero de uma imaginação também trancada e acorrentada.

Meu crime, segundo dizem os magistrados, foi tirar a vida de um inocente indefeso. Esse inocente e indefeso a que dizem os doutores da lei, é o pior mau-caráter de que o mundo moderno tem conhecimento. A corte internacional há alguns anos o interceptou tentando passar da fronteira do México com os Estados Unidos, levando consigo uma maleta pequena contendo o que segundo ele era um antídoto ou alucinógenos fortíssimos que induz os usuários a manipulação. A família desse sujeito é cheia da grana, eles possuem várias empresas no ramo de bebidas, tenho certeza que o pai desse canalha pagou propina aos

juízes para que ele fosse absolvido das acusações que pesavam contra ele. Como os canais de televisão são de domínio do governo único desde a última grande guerra, nada foi falado a respeito do assunto, nem uma vírgula, nem um ponto sequer.

O que me irrita é que poucos têm conhecimento de que esse filho de uma mãe trafica meninas durante para lugares na Europa e na Ásia. Geralmente as mulheres são adolescentes e servem como escravas sexuais aos exércitos desses países unificados. Muitas delas vivem em condições sub-humanas em quartéis servindo aos generais e soldados, quando eles estão cansados delas as matam. Sei disso, eu mesmo o investiguei durante um ano inteiro, a gota d'água foi quando ele tentou influenciar a minha sobrinha e a minha filha, ele pensou que por ter nome e por ser de família rica eu não iria denunciá-lo. Foi aí que a toda coisa aconteceu, foi aí que perdi todo o controle da situação e acabei fazendo o que fiz, matei o rapaz com dois tiros na cabeça, e não tenho arrependimento de nada.

Depois da última grande guerra o mundo virou um caos, nenhum país saiu vitorioso daquele conflito sem

sentido, às bombas atômicas devastaram cidades inteiras e até alguns países menores, quando eles perceberam o que tinham feito, que aquilo era loucura, já era tarde demais. A guerra durou cinco anos, e foi o suficiente para tirar a vida de milhares de milhões de seres humanos por todo o mundo. Depois vieram às doenças e a fome por todos os cantos da terra, outras (milhares) de vidas foram ceifadas. Após todo esse genocídio foi criado um comitê internacional de governo por nome de Gaia, onde um único líder governa todos os outros países, tantos os da América do Norte como da América do Sul, também os asiáticos e os europeus. Divididos por zonas com seus próprios líderes que são chamados de preferidos.

Para América do Sul foi designado um único preferido e um comitê internacional, foi justamente nesse comitê que o outro sujeito foi solto e eu condenado, Porém, a minha justiça foi pessoal e unânime em condená-lo à morte. Agora vivo aqui, isolado do mundo, segundo o psiquiatra que me transferiu para esse lugar, dizem que sou perigoso e uma influência a motins e rebeliões. As maiorias dos condenados pelos juízes do comitê internacional ficam presas em outras ilhas, não como essa

que é isolada, ficam coletivamente em uma única cela gigantesca, onde as pessoas têm que ficar todas juntas, os banheiros não têm portas, o respeito é prioridade nas prisões. Não pode haver brigas e muito menos sexo, qualquer desvio dos detentos eles são enviados para trabalhos forçados nas áreas destruídas pela guerra, ou mortos por pelotão de fuzilamento.

As drogas que são ministradas nos prisioneiros são para manipulação, uma vez drogadas eles fazem de tudo quanto os seus algozes desejam. Por pouco eu também não fui submetido às essas drogas, pelo pouco que lembro acabei brigando com os guardas, todos os dias eu arrumava uma tremenda confusão, isso me valeu vários hematomas por todo o corpo, sem dizer nas costelas quebradas.

Há um mês venho tentando fugir desse lugar... Não há como sair, é praticamente impossível, esse carcereiro do inferno não se importa nem um pouco comigo, ele é esperto e sabe que no primeiro erro dele, por menor que seja, fujo dessa prisão. Eu o estudei, sei exatamente como

ele funciona, os seus horários e seus gostos, tudo, tudo, tudo, muito em breve vou surpreendê-lo.

JEOVÁ NARRANDO.

Hoje faz dois anos desde que fui designado para assumir o comando da carceragem da ilha dos mortos. Atualmente o funcionário mais velho aqui. Também está o cozinheiro e mais um guarda que faz rondas no entorno dos muros da prisão, não há mais ninguém. Os dois são pessoas legais, durante certa hora da noite paramos um pouco para conversarmos. O cozinheiro é meu amigo de infância, já o guarda eu o conheci no dia em que ele foi designado para a ilha. Ele é bom, não é de ficar tagarelando muito, mais parece de bom coração, tem

sempre histórias para contar a respeito de coisas que viu na guerra, durante as rondas nas muralhas do forte. Eu não sou de acreditar nessas histórias de assombração, mas, tudo bem.

A ilha é um paraíso verde, de uma beleza que com palavras fica difícil de descrevê-la. O sol ao nascer é de um espetáculo de tira o fôlego, os matizes dourados por sobre as águas cristalinas, fazendo com que o mar pareça ter sido feito todo de ouro puro. Os muitíssimos pássaros que habitam a ilha parecem perceber melhor esse espetáculo, a impressão que tenho é que todas as aves param para ver o nascer do sol, e com uma sinfonia de cantos dos mais diversos tipos e variados tons, faz com que dia se inicie com mais beleza e ternura. Às vezes eu penso nos pássaros como pequenos anjos que Deus enviou para alegrar as nossas vidas, aquilo que muitos não percebem como belíssimo, as andorinhas, por exemplo, com os seus cânticos harmoniosos, são louvores ao criador, também é de alguma forma um diálogo com a própria natureza que por certo lhes retribui alimentando-lhes todos os dias.

A única coisa que não se encaixa com a bela paisagem da ilha é o forte. Quando fui designado para este setor prisional pelo preferido da América do Sul, ainda não

havia presos aqui, anos depois veio o primeiro deles. O sujeito é esquisito, não fala muito, às vezes é rebelde com as medicações que tenho ministrado todos os dias, é um tipo difícil de lhe dar. A acusação e condenação que pesa sobre ele foi por assassinato sem hipóteses de defesa, não sei bem o que aconteceu, pelo pouco que me informou o comando, esse prisioneiro é extremamente perigoso e muito inteligente. Foi transferido de outro setor prisional por causar brigas e motins entre os prisioneiros, ele foi mandado para cá a pedido do psiquiatra. Eu nunca troquei uma palavra com ele em cinco meses.

Às vezes tenho o desejo de conversar com ele, saber de tudo, sua verdadeira história. Será que ele tem família? O que o levou a tirar outra vida? Aqui na ilha as coisas são diferentes, o tempo aqui passa de outra maneira, os ponteiros do relógio parecem se arrastarem alguns meses aqui têm o peso de um ano inteiro, para dizer a verdade eu não vejo a hora de voltar para a cidade de Gaia. Aqui não é um lugar assim tão ruim, a dificuldade maior é justamente acostumar-se com a solidão, nem sempre é possível conversar, uma vez que, o prisioneiro não fala nada, o cozinheiro está sempre ocupado e o guarda sempre em ronda, só mesmo durante a noite para trocarmos algumas

palavras a respeito de como foi o dia de cada um, nos reunimos por volta de oito horas, e depois comemos e jogamos um pouco de baralho.

O mundo passou por muitas mudanças depois da grande guerra, muitos países sofreram com as bombas atômicas que varreram cidades inteiras, lembro-me dos horrores daqueles dias sombrios. O Brasil foi afetado por diversas maneiras, tanto pelas bombas quanto pelas doenças e pela fome. A cidade de Salvador na Bahia e outras menores já não existem, um dos artefatos nucleares caiu bem no centro de Salvador, o que resta hoje são apenas ruínas do que um dia foi à cidade. Outras mais foram atacadas por bombardeios menores, mas com grande poder de destruição. As doenças vieram logo em seguida devastando o povo mais pobre, foi preciso criar áreas de contenção para todas essas pessoas, para que as moléstias não se espalhassem ainda mais, causando mais mortes.

O prisioneiro da qual fui designado para guardar não parece querer colaborar, eu não sei o que ele pensa a meu respeito, com certeza não são pensamentos bons. Tenho muitas dúvidas quanto a este lugar, meus superiores não me dizem nada, a única coisa que sei é que não posso

deixa-lo sair da cela por nenhum motivo, nem mesmo um banho de sol. Já faz cinco meses que ele está trancado nesta cela, vendo o sol nascer por um cubículo miserável, eu não suportaria tal coisa, se fosse eu já teria colocado um fim na minha vida, não sei por que o prisioneiro se submete a tantos sofrimentos e humilhações. Para ser bem sincero eu não sei se posso continuar com isso, drogando-o dia após dia, qualquer hora ele morre nessa cela, e ninguém vai saber ninguém, será apenas mais um corpo.

Outro dia enquanto o prisioneiro dormia pelo efeito dos medicamentos resolvi caminhar um pouco pela praia. As coisas já não são as mesmas de antes, durante muito tempo o mundo ficou ensaiando uma possível guerra que nunca acontecia. O que não percebemos, o que ninguém estava vendo é que os países, na verdade estavam se preparando para guerrear aumentando os seus arsenais. Treinando os seus soldados, tudo debaixo dos nossos olhos, não vimos nada, não conseguimos enxergar a verdade nua e patente debaixo de nossos narizes. Quando demos conta já era tarde demais, não houve tempo de reagirmos, não houve tempo de protestos, não houve tempo de cartazes coloridos e multidões eufóricas gritando pelas praças pedindo por seus direitos.

Um dos meus passatempos nessa ilha é a leitura, gosto de ler poemas, sou apaixonado por poemas, recentemente terminei de ler um livro de um dos heterônimos de Fernando Pessoa. O livro era de Alberto Caeiro, amo as poesias dele, não vejo outras melhores e nem mais profundas com um teor filosófico tão peculiar. Caeiro buscava a simplicidade em cada palavra que escreve, ele era uma pessoa que vivia para si mesmo, por isso eu gosto tanto de ler Caeiro. O bem da verdade é que eu gosto de todos os livros de Fernando Pessoa, todos os seus heterônimos, é de um brilhantismo descomunal. Não há muitos livros na biblioteca da prisão, apenas aqueles que eu trouxe comigo, solicitei outros, o comandante negou. Então costumo devorar esses poucos exemplares. Vivo em um mundo de ilusões, tudo não passam de uma ilusão, as pessoas são ilusões ambulantes que vagam sem destino certo. As ideias são ilusões que não passam de histórias sem sentido, e a vida em si, aos poucos perde o seu sentido, tudo está perdendo o sentido, já não suporto mais esse mundo de ilusões em que estou vivendo. Houve um tempo, quando a guerra ainda não tinha acontecido, que pensei que fosse crescer na vida e ganhar dinheiro, fazer um curso, coisas desse tipo, aos poucos tudo foi

mudando. A crise econômica de dois mil e dezesseis parecia ter sido superada, outra ilusão, quando menos esperamos estávamos mergulhados até o pescoço em um rio de sangue e de corpos, as flores foram manchadas de sangue, os sonhos foram manchados de sangue, tudo passou ser vermelho.

Hoje tentei um diálogo rápido com o prisioneiro, dei-lhe um bom dia, perguntei-lhe se precisava de algo, mas ele não respondeu nada. Quando foi a hora do almoço voltei a perguntar se ele precisava de alguma coisa, ofereci um dos meus livros, e para minha surpresa ele aceitou. O medicamento que o psiquiatra receitou não foi ministrado hoje, joguei-os todos ao mar, estou cansado de torturar esse sujeito sem nome, afinal, não é só ele o prisioneiro aqui, o bem da verdade é que todos nessa ilha são prisioneiros, tanto ele quanto eu o cozinheiro e o guarda, eu não sei o que os meus amigos pensam a respeito, estou ficando cansado desse lugar dessa vida de solidão, por mim eu sairia daqui hoje mesmo. Já faz um mês que ninguém vem aqui, nenhum barco de entregas, nada, nada, nada, segundo o cozinheiro nossos suprimentos durarão apenas mais um mês.

Nas dificuldades nasce as oportunidades, li isso em algum livro de que já não me lembro. Analisando friamente nossas condições aqui na ilha, percebo melhor essas oportunidades, talvez o meu prisioneiro não seja assim tão ruim, talvez a primeira impressão não seja boa, acredito que o destino está nos dando uma nova oportunidade de refazer essa primeira impressão tornando um pouco melhor. O fato de não ter dado os medicamentos para o prisioneiro o fez reagir diferente comigo, já não vejo tanta raiva em seu olhar, até um tímido sorriso ele esboçou, talvez as coisas mudem, contudo, devo tomar cuidado, todos os cuidados são poucos. Meu pai dizia que coração é terra de ninguém, você nunca saberá o que se passa no coração de outra pessoa. Por esse motivo devo tomar cuidado com o meu prisioneiro, se as intenções dele não forem boas estarei colocando a minha vida em risco e a de meus companheiros também. Acredito que vale a pena arriscar, não sei o que pensa os meus companheiros, vou arriscar, afinal, o que tenho a perder, já não tenho esposa e nem filhos, o que tenho está nessa ilha. E por mais esquisito que pareça, essas pessoas na ilha é a única família que

conheço, até o prisioneiro, por isso devo ajudá-lo, creio que é o certo a se fazer.

ANTÔNIO NARRANDO.

Caminho solitário pelos muros da prisão, que se estendem por uma grande parte da ilha começando do Leste da praia e indo até o oeste onde ficam os paredões de pedra. O muro da prisão tem exatos dez metros de altura por um e meio de largura e um corredor estreito por cima dele, de modo que posso caminhar. A cada cem metros de muro foram construídos uma cabine de observação, ela é pequena, me permite descansar entre uma caminhada e outra, em cada uma existem provisões e uma arma, geralmente uma pistola com dois pentes carregados para o caso de uma eventual necessidade. Embora, eu acredite que não haverá necessidade do uso da arma, pelo menos não com o prisioneiro.

A ilha é belíssima, de inúmeras árvores frondosas, gigantescas, circundando toda a parte da frontal da ilha, exatamente nos entornos da praia. Isso permite uma excelente camuflagem. Quem vem do mar alto não tem uma visão nítida do que tem no interior da ilha, assim nossa prisão acaba ficando oculta aos olhares dos navegantes. Às vezes vejo grandes barcos próximos aos paredões de pedra, como os muros são muito altos e as árvores ainda mais altas, são impossíveis de enxergar alguma coisa dentro da ilha. O forte foi construído um pouco anterior a grande guerra, a princípio serviria para prisioneiros de alta periculosidade, quem a projetou fez uma espécie de abrigo contra bombas e ataques. Existe uma série de compartimentos e túneis que poucos sabem, existem também algumas alas subterrâneas que nem mesmo entrei ainda. Caminhar por sobre o muro é um desafio, principalmente durante a noite. Como sou o único guarda aqui, eu alterno minhas rondas, durante dois dias faço o turno do dia trabalhando das sete da manhã às sete da noite, depois eu descanso um dia e no outro dia fico com o turno das sete da noite às sete da manhã. Não há outro guarda que me substitua na folga, durante meu descanso a muralha fica desprotegida. Os meus colegas

disseram que isso é coisa de maluco uma vez que não há necessidade de rondas. Mesmo sendo maluquice eu gosto me ajuda a não enlouquecer. Eu já solicitei ao comando de Gaia que me enviasse pelo menos mais um guarda. A resposta foi enfática do comandante, ele disse: “Não enviaremos ninguém para a ilha por enquanto, estamos com problemas até o pescoço.” Essas foram as suas palavras e não há como contestar o comando, eu tenho que obedecer e cumprir as ordens. Atualmente nós estamos em quatro pessoas na ilha, eu, o Jeová que é o carcereiro, o Marcos que é nosso... Cozinheiro, e o Gustavo que é o prisioneiro do forte. Por falar nele, um prisioneiro muito estranho, parece perigoso, observa tudo atentamente, percebe cada detalhe a sua volta. Faz cinco meses que o Gustavo veio para o forte, segundo o comando ele é extremamente perigoso, e, deve ficar trancado, em hipótese alguma ser solto, nem mesmo para um simples banho de sol. As acusações que pesam sobre o acusado é de assassinato de um dos grandes empresários de Gaia, sinceramente, eu não quero saber o motivo que o levou a ter cometido o crime, para mim assassino deve apodrecer preso, morrer solitário nesta ilha desabitada, não existe lugar pior do que este.

Por falar na ilha, outro dia eu estava justamente conversando com o Jeová sobre ela. Ao meu entender, alguma coisa não está encaixando nessa história, nos mandaram para um lugar no meio do nada, só a nós quatro, e ainda com recursos limitados? O Jeová pensa que não, mas conversei com o Marcos e ele me disse que os nossos suprimentos não vão durar mais um mês, depois disso não teremos o que comer. Tentei comunicação com o alto comando, o rádio não funciona, estamos incomunicáveis na ilha. Quando vierem os suprimentos irei pedir-lhes um rádio novo com uma antena, eu mesmo vou instalar a antena, pelo menos assim saberemos o que se passa no mundo lá fora.

Às vezes me sinto como um prisioneiro também — para ser sincero — eu julgo que somos todos prisioneiros nessa ilha. Tem noites que tenho pesadelos horríveis com os horrores que presenciei na grande guerra. Eu era um soldado novato, fazia parte do terceiro pelotão de fuzilamento e de reconhecimento terrestre. Quando a guerra estourou no oriente médio, nosso governo se aliou aos americanos e ingleses, no primeiro momento o conflito se prendeu ao oriente médio e parte da Europa, os soldados brasileiros foram enviados para a batalha. Na

primeira leva foram cinquenta mil homens para combater nas trincheiras da Síria e regiões, lugar de dificuldade, foram batalhas duras, muitos soldados morrendo todos os dias, éramos o pelotão de frente, a bucha de canhão dos americanos e dos ingleses. Por sorte sobrevivi aquele inferno, fui ferido duas vezes nos ombros, por Deus não morri. Às vezes fico pensando em como a vida perdeu o valor, em como o ser humano perdeu as suas características. Muitas vezes vemos animais fazendo coisas que chamam a atenção. Outro dia, em uma das minhas rondas presenciei um animal selvagem, penso que uma onça, eu não sei dizer o motivo nem o porquê, mas o coitado do animal estava ferido, quase a ponto de desfalecer. Em um determinado momento aquele animal caiu, fazia sons estranhos, como se estivesse pedindo socorro, não demorou e outros apareceram e ficavam em torno do animal caído, mexiam nele com as patas, com o focinho, como se quisesse reanimar ou coisa parecida. Quando a onça por fim morreu, as demais ficaram alvoroçadas, soltava uivos altíssimos, como se elas estivessem chorando. Quando eu estava na guerra presenciei coisas horríveis também, coisas que jamais vou me esquecer, muitos dos meus amigos, pessoas que

cresceram junto comigo, morreram na minha frente. Na guerra não há vencedores, uma guerra serve apenas para enriquecer os banqueiros, que são os verdadeiros financiadores dos grandes conflitos, enquanto nós, os mais pobres, somos levados ao matadouro impiedosamente. Outra finalidade da guerra é diminuir a população mundial, àquele velho plano dos illuminatis, a muito escritos nas pedras guias da Geórgia, ninguém nunca deu importância para aquelas pedras e seus escritos. Por muitos anos as pessoas pensaram que aquilo era apenas uma brincadeira, na verdade, era uma profecia deste grupo, que sempre visou à redução populacional, agora todos sabem. O que vai ser do mundo a partir daqui? A maioria das cidades Brasileiras está em ruínas, a fome e as doenças devastaram o país inteiro, a nossa floresta amazônica, de que tínhamos tanto orgulho, passou a ser propriedade do governo único mundial. O que nos resta é uma vaga esperança que a cada dia vai ficando cada vez mais apática e doente. Não temos a quem recorrer, nós não temos saída, ou nos sujeitamos aos desejos do Governo único, ou ficaremos a mercê da miséria e do abandono. Meu desejo agora é voltar para minha esposa, Helena, loira, linda, mulher maravilhosa, eu quero

retornar para casa quanto antes. O comandante disse que eu seria substituído, no entanto, até o momento nada foi feito, nenhuma ligação. A minha impressão é que estamos esquecidos nesta ilha esquisita. Sou um dos poucos sobreviventes das zonas de conflitos, um dos poucos brasileiros a não voltar dentro de um caixão, e o que ganhei foi apenas uma ilha deserta com um único prisioneiro maluco para tomar conta... Apesar de que, não posso reclamar da ilha, a sua beleza é impagável, surpreende. Fez com que eu me lembrasse da minha lua de mel, o ano se não me falha a memória era dois mil e treze. Naquele ano eu e Helena passamos a lua de mel em uma das praias do litoral Alagoano, se não me falha a memória, era a praia do Gunga. Lugar paradisíaco, cercado de coqueiros, cem mil pés espalhados de um lado e de outro na pista que dá acesso à praia. Ficamos em uma casa de praia de um amigo, aqueles foram os meus melhores dias, jamais esquecerei, se eu soubesse o que me aguardava jamais teria saído daquele lugar. Às vezes me questiono sobre o que tem na ilha, nunca adentramos em seu interior, não tenho ideia de seu tamanho real, nem o que o seu interior esconde. Certo é, que a minha curiosidade está ficando maior que o meu medo, não vai demorar muito e